

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NA REGIÃO FRONTEIRIÇA BRASIL-BOLÍVIA: PRODUÇÃO TEÓRICA E O “CHÃO DA QUADRA”

La Educación Física en la Escuela Secundaria en la Región Fronteriza
Brasil-Bolivia: la producción teórica y el “Chão da Quadra”

DOI 10.55028/geop.v19i37.22209

Carlo Henrique Golin*
Wagner Wey Moreira**

Resumo: O trabalho analisou a lembrança que os graduandos de cursos de Educação Física possuem sobre esta disciplina vivenciada no Ensino Médio. Para tal, é apresentado elementos teóricos e empíricos sobre as aulas da área no Ensino Médio captados na região fronteiriça Brasil-Bolívia, no Mato Grosso do Sul. As técnicas metodológicas foram a “memória” como aspecto empírico e o diagnóstico foi via “Análise dos Discursos” - Unidades de Significado. Resultados apontaram que existe na região um longo caminho para que a disciplina Educação Física no Ensino Médio supere problemas como: aulas desinteressantes e falta de planejamento, sobretudo visando torná-la mais profícua.

Palavras-chave: Escola, Acadêmicos, Cidadania.

Resumen: El trabajo analizó qué recuerdos tienen los egresados de las carreras de Educación Física sobre esta temática vivida en la escuela secundaria. Para ello, se presentan elementos teóricos y empíricos sobre las clases en el área en la escuela secundaria captada en la región fronteriza Brasil-Bolivia, en Mato Grosso do Sul. Los metodológicos fueron la “memoria” como aspecto empírico y el diagnóstico fue vía “Análisis de Contenido” - Unidades de Significado. Los resultados mostraron que hay un largo camino por recorrer en la región para que la asignatura de Educación Física en

Introdução

Redigir artigos que tratam da Educação Física Escolar é tarefa já contemplada com muitas propostas para a área, notadamente desde a segunda metade do século passado. Daí a razão de estarmos nos atendo, no que diz respeito à produção teórica, em alguns escritos formulados no século XXI, procurando relacionar uma pesquisa realizada junto a um grupo de alunos que passaram pelo Ensino Médio, buscando compreender inclusive se a produção teórica desembarcou efetivamente no “chão da quadra”.

Esse direcionamento do texto exigiu, de nossa parte, estruturar os argumentos em três seções: na primeira seção, analisamos algumas das propostas acadêmicas para o desenvolvimento da Educação Física no Ensino

* Professor Associado I na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Câmpus do Pantanal (CPAN). E-mail: carlo.golin@ufms.br.

** Professor do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: weymoreira@uol.com.br.

la enseñanza media supere problemas como: clases poco interesantes y falta de planificación, especialmente con miras a hacerla más fructífera.

Palabras clave: Enseñanza, Escuela, Académica, Ciudadanía.

Médio, escolhendo textos produzidos neste século XXI, de modo especial optamos em escolher, por conveniência, aqueles publicados no formato de livros e/ou capítulos de livros; na segunda seção, apresentamos uma pesquisa realizada com 102 acadêmicos de cursos superiores (Licenciatura) em Educação Física no oeste de Mato Grosso do Sul (MS), na região fronteiriça Brasil-Bolívia, na qual utilizamos um protocolo adaptado com perguntas geradoras solicitando a descrição de lembranças (memória) referente às aulas de Educação Física no Ensino Médio; e na terceira e última seção apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa e seus efeitos sobre a Educação Física da região nesta fase de escolarização, associando esse resultado com o aporte teórico apresentado inicialmente. Já nas considerações finais, apontamos alguns caminhos para superar os antigos “gargalos” da área.

Educação física no ensino médio e produções acadêmicas do século XXI

Historicamente a área da Educação Física sempre esteve ligada ao fazer pedagógico no interior da escola. Tanto isso é verdade que até o ano de 1985, século XX, não havia outra habilitação que não a Licenciatura para esse curso de graduação. Os primeiros Bacharelados na área foram institucionalizados pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), a partir do

final de 1984, antes mesmo da regulamentação da formação de bacharéis, a qual só veio com a Resolução 3/1987.

Apontamos esse dado para refletir sobre um fato interessante: se a preocupação da área estava centrada na formação de professores, isto deveria indicar uma formação crítica e competente. No entanto, dois livros publicados na segunda metade do século XX, ambos com grande distribuição, indicavam o oposto. São eles: *A Educação Física Cuida do Corpo... e “Mente”*, de João Paulo Subirá Medina (Medina, 1983); *O que é Educação Física*, de Vitor Marinho de Oliveira (Oliveira, 1983).

A partir do que foi considerada a “crise da Educação Física”, nos anos finais da década de 70 do século XX, houve grande produção de teorias e de documentos acadêmicos pedagógicos que contribuíram para a tentativa de alteração do *status* da Educação Física Escolar, redefinindo rotas, exigindo criatividade e criticidade, ampliando o sentido do movimento humano explicitado nas aulas na escola, ou seja, dando nova dimensão para a disciplina na escola.

Nesta seção, não vamos rememorar esse importante período porque há muita produção sobre o tema. Centraremos nossos argumentos em algumas produções escolhidas do século XXI e, a partir disto, tentar relacionar, na terceira seção, o conhecimento produzido e a opinião dos graduandos do curso de Licenciatura participantes da pesquisa realizada.

Uma primeira referência significativa é o trabalho de Mattos e Neira (2000), quando os autores buscam desenvolver os conteúdos da Educação Física para adolescentes dentro das características descritas e discutidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tendo como temáticas centrais a aptidão física, a saúde e a qualidade de vida. Além destes aspectos iniciais, os autores indicam que muitas vezes os professores que atuam no Ensino Médio não diversificam suas estratégias e nem envolvem os alunos no planejamento, limitando sua aula para o aprofundamento do esporte. Os autores também apresentam algumas sugestões para o desenvolvimento de um programa para a Educação Física aos adolescentes. Da mesma forma, os autores discorrem sobre as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Educação Física no Ensino Médio, bem como os conteúdos divididos em temas (Aptidão física; Atividade física; Compreendendo o funcionamento dos principais aparelhos; Resistência aeróbia e anaeróbia; Força; Resistência muscular localizada; Flexibilidade; Nutrição e controle de peso; Pressão arterial; Ritmo; O esporte da escola).

Os autores ainda alertam dizendo que, nas aulas de Educação Física do Ensino Médio existe um grande declínio no número de alunos participantes, justifi-

cando esta situação pela vivência excessiva do conteúdo/tema esporte, sendo que a finalidade principal seria a de aprofundar os conhecimentos táticos e técnicos das modalidades. Na visão deles, o professor acredita que a fase do Ensino Médio seria o momento de especialização atlética nos mais vários esportes. Por isso, no entendimento de Mattos e Neira (2000), a linha mestra que “atrapalha” as aulas de Educação Física no Ensino Médio seria o “rendimento” do e no esporte. Nesta fase escolar, a desempenho esportivo acaba sendo um dos objetivos a serem alcançados pelos professores. Como se vê, o esporte caracterizar-se-ia como “sinônimo” da disciplina Educação Física.

Concordamos com os autores e consideramos tal abordagem um tanto complexa. Portanto, qualquer que seja o conteúdo adotado pelo professor de Educação Física, deveria, necessariamente, valorizar as questões pertinentes à qualidade de vida e à cidadania, as quais, por sua vez, deveriam pautar-se na observação da pessoa humana e de seu contexto cultural.

Na sequência temos a produção organizada por Souza Neto e Hunger (2006), na qual traz mais de duas dezenas de textos relacionados à Formação Profissional em Educação Física. Dessa obra salientamos o texto de Oliveira (2006) no qual destaca as exigências para uma boa formação profissional na área, e que deve fugir da mera ação reducionista, como tempo escolar para distrair corpos cansados ou liberarem energia.

Outro escrito constante do mesmo livro organizado é o de Nascimento (2006), quando analisa a reestruturação curricular para a formação do profissional de Educação Física indicando que nessa formação inicial há vários problemas como: a falta de convívio intelectual e o isolamento das disciplinas; a fragilidade dos conteúdos; e a fragmentação disciplinar, fatores esses que incidem diretamente na qualidade dessa formação.

Darido e Souza Júnior (2007) fazem uma justificativa interessante a respeito dos conteúdos da educação física escolar. Estes não se referem apenas ao domínio de conceitos, mas englobam saberes culturais, raciocínios, habilidades e valores, dentre outros pontos. Além disto, centrados em Coll *et al.* (2000), indicam que dominar conteúdos não se esgota na abordagem cognitiva, bem como deve-se alcançar três importantes dimensões:

Dimensão conceitual - Conhecer as transformações pelas quais passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em decorrência do surgimento das novas tecnologias) e relacioná-las às necessidades atuais de atividade física. [...] Dimensão procedural - Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira. [...] Dimensão atitudinal - Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto. [...] Adotar o hábito de praticar

atividades físicas visando à inserção em um estilo de vida ativo (Darido; Souza Junior, 2007, p. 15-16).

Moreira, Simões e Martins (2012) editaram um livro intitulado “Aulas de Educação Física no Ensino Médio”, resultado de um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), do qual participaram além dos autores da obra, sete professores de Educação Física do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino, quatro professores da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), três mestrandos do Programa de Mestrado de Educação Física da UNIMEP e cinco alunos de graduação do Curso de Licenciatura em Educação Física da mesma universidade. Esse projeto durou dois anos com encontros quinzenais, momento em que se discutiam elementos teóricos produzidos na universidade e as experiências práticas dos professores da rede estadual de ensino, resultando no final uma proposta de repertório de atividades sugeridas.

Além disto, foi aplicado um questionário aos discentes do Ensino Médio, num total de 257, com duas vertentes: na primeira os alunos escolhiam quinze atividades que gostariam de ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física; na segunda, quinze temas de maior interesse que pudessem ser tratados nas aulas. Os discentes enumeravam de 1 a 15 na ordem de preferência, sendo 1 para a de maior interesse e 15 para a de menor interesse (Moreira; Simões; Martins, 2012).

Nas respostas dos discentes, representadas em porcentagem, no que diz respeito à preferência das atividades a serem desenvolvidas, os autores supracitados encontram a prática de alguns esportes tradicionalmente presentes na Educação Física Escolar, como Voleibol (76,2%), Futsal (61%), Basquetebol (58,7%), Futebol de Campo (57,5%), Handebol (56,4%). Outros esportes também apareceram nas respostas, com índices bem inferiores aos já mencionados. Destes foram lembrados Ciclismo, Skate, Tênis de Mesa, Atletismo e Judô. Concomitante aos esportes, também foram mencionadas algumas práticas de exercícios físicos sistematizados, como Musculação (69,6%), Alongamento (59,5%), Capoeira e Dança de Salão, cada uma com (37,3%). No mesmo questionário foram listadas outras atividades, por exemplos: Badminton, Beisebol, Escalada Esportiva, Frescobol, as mais diferentes formas de Ginástica (Aeróbica, Desportiva, Geral e Rítmica), Malabarismo e Rugby, dentre outras. Por isso, podemos deduzir que os conteúdos da disciplina Educação Física no Ensino Médio continuam reduzidos ao que já foi apresentado em graus anteriores de escolarização, não apresentando novidades na perspectiva de atividades diversas para os discentes (Moreira; Simões; Martins, 2012).

Já no que diz respeito aos temas que pudessem ser de interesse dos alunos, os autores encontraram dezenas deles com percentuais de escolhas acima de

50%, a saber: violência (79,1%), álcool/tabagismo (78,3%), drogas (76%), sexualidade (75,3%), preconceito (74,8%), nutrição/suplementação (67,3%), qualidade de vida (63,8%), cuidados especiais (62,2%), dança/cultura(61,8%), anabolizantes (59,1%), postura (58,3%), esportes/meio ambiente (57,1%), capacidades física e motoras (55,9%), cuidados no treinamento (52,4%) e ética (51,6%). Diante desses resultados, é possível verificar a riqueza de assuntos que podem ser tratados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, temas esses de interesse dos alunos e que poderia, por consequência, propiciar uma maior presença discente nas aulas dessa disciplina curricular.

Não deveriam dados como estes serem discutidos nos cursos de Licenciatura em Educação Física? Esses dados expressam que a presença de alguns assuntos a serem abordados na disciplina Educação Física revela o interesse dos alunos nesta trilha, o que representa a possibilidade de a Educação Física trabalhar não apenas os conhecimentos históricos da área, normalmente explicitados como meras práticas corporais, mas, associá-los a temas emergentes e a valores possíveis de serem discutidos na presença de seus conteúdos.

Nesse contexto, torna-se importante recorrer a um exemplo para nossa reflexão: O Brasil, neste século XXI, foi palco dos maiores eventos esportivos do planeta, sendo que entre eles destacamos os Jogos Olímpicos, Jogos Paralímpicos, Campeonato Mundial de Futebol, Jogos Panamericanos. Assim, como esses exemplos foram explorados nas aulas de Educação Física no Ensino Médio? Será que professores relacionaram isto com aspectos sociais, econômicos, éticos, e outros, quando de suas aulas?

Nista-Piccolo e Moreira (2012) produziram uma coletânea para a Educação Física Escolar, com quatro livros destinados a: Educação Infantil; Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Anos Finais do Ensino Fundamental; e Ensino Médio, todos incluindo repertório de atividades. No caso, a obra destinada ao Ensino Médio destaca a importância de dois temas: a) o esporte e sua função social; b) a corporeidade no esporte.

Quanto ao primeiro tema, estruturados em Bento (2010), os autores se posicionam dizendo que existem uma função social maior do esporte e que a área no Ensino Médio deve informar aos alunos que ao lado do *Homo sapiens* e *Homo faber* também há atualmente a presença do *Homo sportivus*. Portanto, segundo eles, é o esporte que também ajuda no alcance da nossa integralidade, humanidade. Já em relação à associação corporeidade e esporte, apresentam argumentos alicerçados na busca pela transcendência, sendo que na existencialidade devemos procurar ter o compromisso de buscar a cidadania de forma plena.

É importante destacar que este livro para o Ensino Médio venceu o processo de escolha de obras para a literatura escolar, o que propiciou ao Ministério da Educação (MEC) a compra e distribuição dos exemplares para todas as escolas brasileiras.

Outra referência desta breve listagem realizada neste estudo, sempre no sentido de evidenciar a produção acadêmica para a Educação Física no Ensino Médio, é o livro organizado por Golin, Junior Vagner e Pacheco Neto (2018). Como a proposta do escrito é evidenciar a pluralidade teórica na área da Educação Física, destacamos dois textos que estão centrados na faixa etária de adolescentes e jovens: Guedes (2018) e Ribeiro, Baruki e Pazzianotto-Forti (2018). No primeiro texto o autor apresenta, já no parágrafo inicial, uma pergunta que dará as trilhas por onde vai caminhar com sua argumentação: “Por que alguns escolares se empenham nas atividades propostas e valorizam os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física, enquanto outros procuram se esquivar e evitar este componente curricular?” (Guedes, 2018, p. 25). É sugerida ainda no mesmo escrito a necessidade de criar mecanismos para manterem os jovens estudantes motivados a participarem das aulas, fato esse que poderá determinar, no futuro, o comportamento da prática de exercícios sistematizados. No segundo texto, com argumentos centrados na área da saúde, as autoras destacam a importância da busca de um estilo de vida ativo, quando indicam que o “[...] conceito de estilo de vida também tem implicações sobre como os comportamentos de saúde são aprendidos e podem ser alterados ao longo da vida [...]” (Ribeiro; Baruki; Pazzianotto-Forti, 2018, p. 123).

Na mesma época, o trabalho de Golin e Moreira (2018) indica a importância e o significado atual que o fenômeno esportivo tem no contexto vivido pelas pessoas. Chegam a afirmar que, baseados em intelectuais da área, o ser humano sem o esporte deixa de se existencializar de forma ampla. Lembram que o tema dever ser ensinado na escola de uma forma contextualizada, utilizando-o para expandir as oportunidades educacionais. Portanto, o esporte deve ser trabalhado na escola numa forma redimensionada, com possibilidades para o trato de valores, tais como ética, preocupação com o outro, respeito às regras, atitudes de cooperação e até o entendimento do fenômeno esportivo como um momento de arte a ser conhecida pelos discentes do Ensino Médio.

Outro material, mais recente, é o de Golin, Ferreira e Lancillotti (2019), quando comentam que a Educação Física no Ensino Médio ainda é pouco estudada no Brasil, sobretudo ao comparar com o volume de dados produzidos para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. No trabalho, os autores procuram refletir sobre o passado e o presente, bem como indicam alguns caminhos futuros tecendo críticas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo. Segundo os

autores, esse documento legal parece não avançar ou mesmo trazer significativas melhorias à disciplina Educação Física no Ensino Médio. Assumem, algo que concordamos, que é preciso pensar as diferentes formas de ações, articulando aspectos didáticos e pedagógicos atraentes e coerentes com as diversas realidades educativas dos jovens. Isso pode, em parte, justificar a continuidade da Educação Física no Ensino Médio enquanto necessária ao currículo escolar, em especial no sentido de contribuir com a formação integral dos indivíduos.

Como podemos observar, mesmo com poucos trabalhos sobre a Educação Física no Ensino Médio em comparação com as outras fases escolares, existem neste século XXI importantes escritos e produções acadêmicas, que optamos em apresentar nessa pesquisa, trabalhos exclusivamente no formato de livros e/ou capítulos destinados à população jovem/adolescente. Desta maneira, enfim, parte das produções acadêmicas estaria presente no “chão da quadra” durante o ensino da Educação Física no Ensino Médio? Entendemos que a nossa pesquisa, apresentada a seguir, irá revelar algumas realidades locais entre teoria e prática. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a lembrança que os graduandos de cursos de Educação Física possuem sobre esta disciplina vivenciada no Ensino Médio.

Metodologia

O trabalho se pauta, enquanto dados empíricos, na proposta de Dores (1997), quando sugere a utilização de dados oriundos da “memória” dos sujeitos como técnica de pesquisa. Em termos de apreciação, o presente material foi motivado e ajustado com base no trabalho de Moreira, Simões e Porto (2005), especialmente quando são considerados a perspectiva e o formato de análise dos discursos que esses autores fazem, por meio de perguntas geradoras, centrado em um enfoque qualitativo.

Destacamos que a pesquisa foi um empreendimento gerado durante o desenvolvimento da disciplina “Educação Física no Ensino Médio”, o qual envolveu acadêmicos de uma instituição de ensino superior em Educação Física, no estado de Mato Grosso do Sul (MS), como pesquisadores, de modo especial atuando na coleta de dados. Cada acadêmico/pesquisador envolvido no trabalho tinha o desafio de coletar pelo menos três formulários devidamente preenchidos, tendo como público alvo acadêmicos (estudantes ativos) dos cursos superiores de formação em Educação Física, no MS, procedentes de instituições públicas e privadas, notadamente do extremo oeste do estado, região conhecida como pantaneira (devido seu bioma) e/ou região fronteiriça (devido os limites entre os países Brasil e Bolívia). O público foi escolhido por conveniência devido à facilidade de acesso

aos possíveis respondentes da região e porque os graduandos em Educação Física, *a priori*, já teriam concluído o Ensino Médio (Educação Básica), tendo em seu currículo escolar a disciplina Educação Física. Portanto, poderiam melhor descrever (via memória) as suas experiências na referida fase escolar.

Cabe ressaltar que na época da coleta, na região do estudo, existiam seis instituições superiores atuando com curso superior em Educação Física, sendo que a maioria era privada e desenvolve seu trabalho no formato semipresencial (três cursos de Bacharel e um curso de Licenciatura) e Ensino à Distância (EAD) (dois cursos de Bacharel e cinco cursos de Licenciatura), enquanto que a única totalmente presencial é da rede pública federal (curso de Licenciatura).

No período de coleta de dados, em função das restrições da pandemia (Covid19), a pesquisa ocorreu de forma totalmente *online*, sem possibilidade de controle e identificação dos participantes, somente foi esclarecido os procedimentos aos participantes. Logo, segundo os dados da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), a proposta acabou se caracterizando como uma pesquisa de opinião geral e aberta, sem necessidade de aprovação do Comitê de Ética, conforme descrito na Resolução CNS nº 510/16, no parágrafo único do seu Art. 1º.

Ao considerarmos a estrutura do instrumento de coleta, o presente trabalho utilizou apenas um formulário (encaminhado de forma *online*) para compreender essas memórias sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio. O referido material continha dois Blocos de assuntos. O primeiro Bloco indagava sobre as características gerais do respondente (perfil da amostra), utilizando perguntas fechadas e com alternativas, tais como: a idade e o sexo do(a) acadêmico(a); o setor (público ou privado) de graduação em andamento; e o setor (público ou privado) e o ano correspondente que fez o Ensino Médio. No segundo Bloco, adaptando e utilizando o protocolo desenvolvido por Moreira, Simões e Porto (2005) e os preceitos sobre memória, segundo Dores (1997), foi realizada a primeira pergunta geradora (Como você descreveria em apenas uma palavra, ao revisitar suas memórias, as suas aulas de Educação Física como aluno(a) no Ensino Médio?); e, só posteriormente a resposta desta, era disponibilizada (revelada) a segunda questão geradora (Na sua opinião, ao revisitar suas memórias, as suas aulas de Educação Física no Ensino Médio se resumiam em – complete...).

Para organização quantitativa dos dados encontrados, os mesmos foram estruturados, quando possível, em informações numéricas/percentuais, considerando o volume de questionários recebidos/respondidos e os dados identificados em cada Bloco, sejam eles do Bloco I ou II. Já os dados qualitativos, de modo especial originários das questões abertas (perguntas geradoras do Bloco II), num primeiro momento formaram uma nuvem de palavras-chave agrupadas por re-

petição, neste caso utilizando uma ferramenta digital que destaca quais palavras foram mais citadas/usadas, demonstrando a expressividade delas no conjunto de palavras observadas. Num segundo momento, também foram agrupadas as respostas descriptivas, ponderando a segunda pergunta e a técnica de “Análise dos Discursos”, em Unidades de Significado (US). Tanto a primeira resposta, que foi solicitado apenas uma palavra representante, quanto o resumo da segunda pergunta (a parte que pede uma justificativa concisa), ambas foram alocadas em princípios didáticos-pedagógicos PROFÍCUOS ou IMPROFÍCUOS, especialmente como indicadores interpretativos dos dados (Moreira; Simões, Porto, 2005).

Em termos de dificuldades e limitações observadas, ao desenvolver a pesquisa, destacamos as principais: a utilização remota para divulgar o formulário (uso de aplicativos como *WhatsApp* e/ou e-mails), o que pode diminuir o número de devolutivas/respostas; o não interesse ou colaboração por parte de potenciais acadêmicos em responder, limitando o número de participantes; e a falta ou inconsistência nas informações coletadas no formulário, portanto resultante de preenchimento inadequado. Assim, mesmo com essas intercorrências exemplificadas, acreditamos que os resultados apontam um número relativamente robusto e boa densidade de respostas quando considerado a realidade da região estudada. Ressaltamos que a nossa amostra total foi de 102 formulários preenchidos pelos acadêmicos, sendo que a maioria das informações coletadas foram do curso presencial de graduação, da rede pública federal, estabelecido na região desde 2009.

Resultados e discussões: teoria/prática ou teoria x prática

Com objetivo de trazer evidências sobre a produção científica e sua presença no chão da escola, ao ensinar os conteúdos da Educação Física ao longo da formação da Educação Básica, em especial considerando a fase do Ensino Médio, apresentamos os resultados empíricos no sentido de mostrar as convergências e divergências entre o que se produz na teoria e o que se tem na prática. Para tal, inicialmente, descrevemos os resultados sobre o perfil da amostra (Bloco I), considerando os 102 graduandos respondentes na pesquisa, o que inclui dados como: a idade e o sexo biológico do(a) acadêmico(a) entrevistado(a), a rede pública ou privada da formação superior e o desenvolvimento do Ensino Médio em cada ano.

Sobre a idade, observamos que a maioria tem entre 17-21 anos de idade (47 sujeitos – 46%). Contudo, também tivemos um número considerável de respondentes entre 22-26 anos (37 sujeitos – 36%), bem como outras idades estiveram presentes na pesquisa: 27-31 anos (8 sujeitos – 8%); 32-36 anos (6 sujeitos – 6%); 37-41 anos (3 sujeitos – 3%); 47 anos (1 sujeito – 1%). Deste modo, percebemos que a maior parte da amostra concluiu o Ensino Médio recentemente, ensejando que

os dados podem representar também uma visão mais atual sobre as aulas nessa fase escolar, considerando o modelo de Ensino Médio anterior.

Quanto ao sexo biológico, verificamos certo equilíbrio, sendo 53 (52%) mulheres e 49 (48%) homens. Já em relação à formação superior, mesmo considerando que temos na região um número elevado de instituições privadas, o predomínio (75%) dos respondentes foi para a instituição pública federal. Já ao considerar a soma das respostas das duas redes (pública e privada), a metade dos respondentes estudava nos primeiros anos (1º e 2º anos) de graduação. Também notamos que há prevalência do ensino público na conclusão do Ensino Médio, portanto os sujeitos representam 85% da amostra estudantes de escolas públicas, sendo que este número se mantém homogêneo em cada ano (1º ano - 84% pública e 16% privada / 2º e 3º anos – 85% pública e 15% privada).

Deste modo, no geral, os resultados do perfil amostral demonstram um grupo de acadêmicos jovens, com equilíbrio entre sujeitos homens e mulheres, sendo a maioria oriunda e/ou frequentadora do setor público, sejam eles do Ensino Médio ou do Ensino Superior. Destacamos que os dados sobre o sexo biológico não apresentaram diferenças significativas ao comparar as respostas (Bloco II) entre mulheres e homens.

No segundo momento, apresentamos os dados do Bloco II, quando foram realizadas duas perguntas geradoras, conforme descrito na metodologia da pesquisa. Assim, a primeira pergunta (Como você descreveria em apenas uma palavra, ao revisitar suas memórias, as suas aulas de Educação Física como aluno(a) no Ensino Médio?) trouxe uma série de palavras que os sujeitos relataram serem representativas, dentre elas destacamos: Aprendizado; Nada; Básico; Tedioso; Saudade; Estímulo; Legal; Futebol; Fraca; Repetitiva; Decepção; Transformadora; Chata; Frustrante; Conhecimento; Participativo; Excluída; Motivação; Superação; Maravilhosa; Distração; Regular; Fiasco; Produtiva; Recreação; Lazer; Diversão; Segregamento; Simples; Insuficiente; Lúdicas; Inesquecíveis; Rasa; Participativo; Prático; Nulas; Superação; Precária; Monótona; Desestruturada; Decadente; Essencial; Desperdício; Empolgantes; Boa; Desinformação; Desinteressante; Divertido; Trágico. E, na análise dessas palavras, boa parte delas foi repetida ou tiveram expressões semelhantes (sinônimas) descritas por vários respondentes, carregando maior representatividade, o que permitiu construir uma nuvem de palavras-chave (Figura 1) agrupadas por repetição, sempre resguardando o sentido que o sujeito colocou.

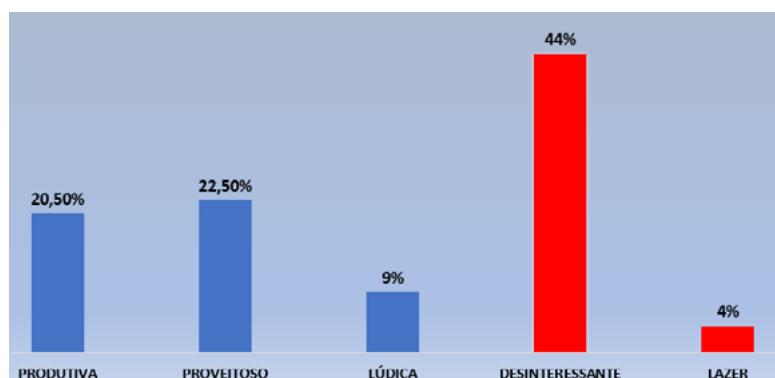
Figura 1 - Nuvem de palavras-chave agrupadas por repetição sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio



Fonte: Produzidos pelos autores utilizando o site: <https://www.wordclouds.com/>.

Ademais, como podemos observar na Figura 1, algumas palavras ficaram em destaque (maiores) na nuvem devido a sua maior repetição nas respostas, sendo que determinadas expressões estão ligadas aos aspectos didáticos-pedagógicos que chamamos de PROFÍCUOS ou IMPROFÍCUOS, sobretudo quando interpretamos o que foi destacado pelos respondentes sobre as suas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Também um pequeno número de termos precisou ser melhor compreendido utilizando as descrições (justificativas) expressas na segunda pergunta geradora. Essa opção nos permitiu avançar, criando um material (Gráfico 1) que agrupou as palavras em Unidades de Significado (US), por consequência, alocadas em indicadores interpretativos, sendo os elementos PROFÍCUOS representados pela cor azul e os IMPROFÍCUOS pela cor vermelha.

Gráfico 1 - Percentual geral das Unidades de Significado agrupadas pelas palavras-chave sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio



Fonte: Produzidos pelos autores.

Em termos PROFÍCUOS, a US que intitulamos de PRODUTIVA alocamos algumas palavras, tais como: Superação; Participativo; Aprendizagem; Conhecimento. Enquanto que para a US chamada de PROVEITOSO, condensamos também um certo grupo de palavras, entre elas: Inesquecível; Transformadora; Essencial; Empolgantes; Boa; Maravilhosa. Por fim, na US denominada de LÚDICA incluímos as expressões: Divertido; Recreação; Lúdicas. Já considerando o indicador IMPROFÍCUO, ressaltamos que a US designada de DESISTERESSANTE agregou um maior número de vocábulos, por exemplos: Tedioso; Fraca; Repetitiva; Decapção; Chata; Frustrante; Insuficiente; Rasa; Nulas; Precária; Monótona; Desestruturada; Decadente; Desperdício; Desinteressante; Trágico. Enquanto que a US que nominamos de LAZER compreendeu um menor número, particularmente os termos Distração e Lazer.

Diante desses dados, identificamos que, para além da pulverização de expressões (palavras), é possível observar que boa parte dos termos anuncia experiências e aspectos didáticos-pedagógicos IMPROFÍCUOS (48%). Estes dados corroboram, por exemplo, com o alerta feito por Oliveira (2006), quando descreve que a aula de Educação Física não pode ser reduzida num momento de “distração”, sem fundamentação e significado educativo, tornando a aula repetitiva, precária e/ou insuficiente. Talvez um dos caminhos para superação desse “gargalo” seria diagnosticar como se constitui atualmente os currículos de formação inicial dos professores de Educação Física, até para que realmente ocorram mudanças no “chão da quadra” e que os conteúdos tenham significância aos alunos (Nascimento, 2006).

Além dos aspectos socioculturais e o contexto vivido pelos jovens, Guedes (2018) indica que se deve compreender a valorização de determinados conteúdos nas aulas de Educação Física, bem como “promover” ações motivadoras a partir de conhecimentos acumulados, algo que desempenha uma função importante no comportamento. Essas ações podem reverberar em uma aula na escola ou fora dela, especialmente no sentido de favorecer o melhoramento da saúde geral, por exemplo. Inclusive, o elemento “saúde” não apareceu nos resultados (palavras) da pesquisa de campo de forma potente, sendo que ela foi citada uma vez e apenas na segunda pergunta, quando era possível “justificar”. Portanto, essa realidade observada, nestes primeiros dados, acaba demonstrando certa lacuna no discurso sobre a promoção da saúde, notadamente quando se considera o campo de intervenção da Educação Física no Ensino Médio. Fase escolar que, segundo Mattos e Neira (2000), deveria promover e fortalecer um estilo de vida ativo/saudável entre os jovens, no sentido de ser uma ponte salutar para a vida adulta. Aspecto também evidenciado no trabalho de Ribeiro, Baruki e Pazzianotto-Forti (2018).

Na continuação, adentramos nos resultados sobre a segunda pergunta do Bloco II, quando solicitou uma justificativa concisa sobre as aulas de Educação Física no Ensino Médio (Na sua opinião, ao revisitar suas memórias, as suas aulas de Educação Física no Ensino Médio se resumiam em – complete...). Cabe ressaltar que a segunda pergunta só foi anunciada depois da conclusão da primeira resposta dos participantes da pesquisa. De tal modo, foi possível observar, com mais espaço argumentativo, determinados elementos conceituais trazidos pelos respondentes, em especial quando apontam possibilidades e lacunas ligadas à prática da Educação Física nessa fase escolar.

Assim, ao analisar todas as respostas, os dados foram agrupados em US que representassem e correspondessem, de forma sintética, os discursos encontrados. Para tal, avançamos e construímos o Quadro 1, como forma representativa, no qual foram alocados os princípios didáticos-pedagógicos que chamamos de PROFÍCUOS ou IMPROFÍCUOS, especialmente como indicadores interpretativos sobre a visão dos sujeitos ao retratarem a experiência vivida na disciplina de Educação Física no Ensino Médio.

Quadro 1 – Unidades de Significado e Indicadores Interpretativos – agrupado a partir das respostas da segunda pergunta do Bloco II

Indicador Interpretativo – PROFÍCUO		
Unidades de Significado (US)	TOTAL	PORCENTAGEM
Aulas Planejadas	16	16,03
Aprendizagem	12	12,26
Conhecimento	5	4,71
SUBTOTAL	34	33%
Indicador Interpretativo – IMPROFÍCUO		
Unidades de Significado (US)	TOTAL	PORCENTAGEM
Insuficiência de Conteúdos	50	49,05
Negligência do Professor	14	14,15
Aulas Inexistentes	4	3,80
SUBTOTAL	68	67%
TOTAL GERAL	102	100%

Fonte: Produzido pelos autores - *valores arredondados/aproximados.

É possível observar, considerando os dados contidos no Quadro 1, que o indicador interpretativo PROFÍCUO representou a minoria dos apontamentos e foram condensados em três US. Vale destacar que, mesmo com uma baixa citação argumentativa (33%), importantes aspectos foram evidenciados, a partir das respostas dos acadêmicos (planejar, aprender e conhecer) e podem ser essenciais

para uma efetiva e qualificada prática da disciplina Educação Física na escola de Ensino Médio.

De forma específica, podemos dizer que a primeira US, chamada de “Aulas Planejadas”, congrega frases como:

Com as experiências das aulas passadas no ensino fundamental, tinha compreendido que a educação física era um momento livre, no qual o professor “Rola Bola” deixava os alunos em quadra para jogar bola e as meninas podiam ficar conversando, ou jogar com os meninos. No Ensino Médio, tudo mudou com a presença de outro professor [...], havia um planejamento de suas aulas, ele se preocupava em ensinar outras modalidades esportivas além do futebol, planejando uma aula onde a maioria dos alunos participassem (Acadêmica 14).

[...] era porque ao mesmo tempo que nós aprendíamos a matéria, tínhamos momentos de diversão com o professor, e ele era super didático (Acadêmica 21).

Aulas elaboradas, trabalhando diversos conteúdos diferentes e interessantes, com bastante prática. Era sempre muito legal participar das aulas, gostava muito das atividades (Acadêmico 91).

Estes achados se assemelham com os dizeres de Mattos e Neira (2000), quando os autores alertam sobre a importância de estratégias diversas e planejamentos de atividades que sejam significativos aos alunos. Portanto, segundo os autores, uma aula na escola não pode limitar os seus conteúdos, sendo necessário debater o contexto sociocultural, expandindo suas ações no sentido de tentar promover uma maior participação-frequência de alunos nas aulas de Educação Física do Ensino Médio.

Ao considerarmos a próxima US, nomeada de “Aprendizagem”, também aglutinamos algumas passagens, tais como:

Aulas no Ensino Médio, particularmente, era boa. Porém, o que eu aprendi mais foi no Ensino Fundamental. [...] tem professor que marca a trajetória do aluno [...], mas tudo que eu aprendi no fundamental eu apliquei no médio [...] me serve até hoje de aprendizado (Acadêmica 7).

[...] no 3 ano que tive um professor que trouxe textos e significados. Foi aí que teve um impacto, aprendizagem [...] além de exercício físico (Acadêmica 18).

Diante desses relatos, verificamos que as falas trazem outros valores sobre o tema aprendizagem que vai além do saber fazer (execução do gesto esportivo, por

exemplo), indicando ser algo mais amplo ao adentrar de forma equilibrada nas dimensões conceituais e atitudinais. Essa análise se assenta nos dizeres de Dari-
do e Souza Júnior (2007), quando os autores explicam a importância de englobar as três dimensões de forma articulada durante uma aula de Educação Física na escola. Elementos que podem até influenciar e impactar, positivamente, aqueles que buscam uma formação profissional na área (Oliveira, 2006).

Na sequência das análises da US do Quadro 1, ao considerarmos o indicador PROFÍCUO, na terceira US nomeada de “Conhecimento”, também concentrarmos algumas citações dos respondentes, a saber:

A educação física me trouxe conhecimento de diversas modalidades, e através dela pude me socializar, assim tendo uma facilidade em me comunicar com as demais pessoas dentro e fora da disciplina. Portanto, vejo a Educação Física como uma matéria importante na vida do estudante, pois através dela fará com que o estudante veja a importância do exercício físico em sua trajetória de vida (Acadêmico 34).

Aprender que não se trata apenas de só ir para quadra. É muito mais. Aprofundar nos conhecimentos que a matéria proporciona. Os meus educadores sempre deixavam a aula mais legal fazendo atividades diferentes, até pra não ficar na mesma rotina (Acadêmica 72).

Um período muito importante na minha vida, pois consegui formar um pensamento crítico. Também me ajudou mostrando que podemos praticar diferente esportes, seja ele lúdico ou competitivo (Acadêmico 77).

Destacamos que as frases indicam subsídios relevantes para área no contexto escolar, igualmente como foi apontado no trabalho de Golin e Moreira (2018), singularmente ao lembrarem a relevância que o fenômeno esportivo teria na vida das pessoas. Inclusive, segundo os autores, seria um importante elemento para expandir as oportunidades educacionais aos alunos, neste caso redimensionando os seus valores e ainda levando em consideração o contexto atual do jovem no Ensino Médio.

Os dados coletados revelam, ainda, que a Educação Física no Ensino Médio pode produzir algum tipo de “informação” pertinente e significativa ao aluno, valorizando o que Moreira, Simões e Martins (2012) chamam de fenômenos da corporeidade e esporte. Os mesmos autores indicam que estes dois pontos básicos podem ser promovidos por meio de distintos temas geradores e serem mais atrativos (pertinentes) aos jovens (Moreira; Simões; Martins, 2012).

Na sequência, observamos na segunda parte do Quadro 1, na qual consta o indicador IMPROFÍCUO, também representado em três US, uma expressiva representatividade (67%) das respostas. Lamentavelmente, os argumentos coletados indicam algo que entendemos ser prejudicial para uma efetiva e qualificada prática da disciplina Educação Física para escolares de nível médio. Deste total, verificamos que a primeira US, intitulada de “Insuficiência de Conteúdos”, foi a principal barreira (49,05%) apontada pelos respondentes. Para melhor exemplificar, seguem algumas descrições:

As aulas se resumiam em insuficiência, pois o professor não proporcionava todo conteúdo que a Educação Física abrange [...]. (Acadêmica 5).

[...] Sempre foi a mesma coisa em todos os anos do Ensino Médio, deixando alguns de seus alunos jogando bola, tendo apenas futsal nas aulas (Acadêmico 11).

[...] toda aula [...] era o mesmo conteúdo, não mudava, era futebol toda a semana. Apenas os ‘guris’ eram os que mais participavam. E as meninas, algumas delas, jogavam vôlei quando o professor entregava a bola para jogar, outras ficavam sentadas sem fazer nada (Acadêmico 11).

[...] a maioria das vezes... apenas deixava uma modalidade, que era o futebol. Logicamente os meninos não nos (meninas) deixavam participar (Acadêmica 31).

[...] Regular, futebol para meninos e vôlei para meninas (Acadêmico 45).

As aulas eram vagas, o professor deixava os meninos jogando bola e as meninas jogando vôlei (Acadêmico 60).

Não participativa pelo fato de o professor não desenvolver diferentes atividades, apenas tinha o futebol, sendo que diversas vezes só os meninos jogavam e bola de vôlei para as meninas. Então a maior parte das minhas aulas era ficar sentada sem fazer nada (Acadêmico 68).

[...] O professor não tinha conhecimentos para que desse uma aula que não fosse jogar futebol todas as vezes (Acadêmico 82).

Meninos jogando bola e meninas debaixo da árvore conversando (Acadêmica 89).

Geralmente os professores de ensino médio não faziam nada, davam as bolas para os meninos e para as meninas que não jogavam futebol ficavam só olhando, conversando. Então é um desperdício. [...] é um tempo jogado fora. Poderíamos estar aproveitando para movimentar o corpo, mente, trabalho em equipe. Tudo foi jogado no lixo (Acadêmica 94).

Ao considerarmos os relatos dos respondentes citados acima, esse tipo de empecilho já vem sendo denunciado desde o final do século XX, especialmente por obras clássicas da área, como o trabalho de Medina (1983), por exemplo. Trabalhos mais recentes sobre a Educação Física no Ensino Médio também reafirmaram a necessidade de mudanças sobre o repertório de atividades do professor na escola (Mattos, 2000; Moreira; Simões; Martins, 2012; Nista-Piccolo; Moreira, 2012; Golin; Ferreira; Lancillotti, 2019), sendo que é unânime a questão da diversidade dos conteúdos e a inclusão de temas geradores no sentido de promover uma efetiva participação, por consequência, gerando motivação e melhor aprendizagem entre os educandos durante as aulas.

Já a segunda US mais citada, considerando ainda o Quadro 1 na parte IMPROFÍCUA, que denominamos de “Negligência do Professor”, observamos descrições que expressam a questão da postura profissional do docente. Destarte, lembramos que o professor tem grande responsabilidade e certa autonomia na condução de uma aula de Educação Física no Ensino Médio. As justificativas descritivas a seguir representam um quadro geral sobre o “comportamento” docente da área no contexto analisado:

Tristeza. Os meninos na quadra e as meninas sentadas ou jogando wôlei, além do professor sumir (Acadêmica 17).

Rolar bola e sem conhecimento adequado, professor desqualificado (Acadêmico 79).

Não fazia nada, apenas íamos pra quadra e os meninos jogavam futebol e as meninas ficavam no celular com seu grupinho (Acadêmica 81).

Só queria acabar logo e sair dali. Na escola, professores que estão ali, só estão por obrigação e querem fazer o básico para ter o salário e ir embora. Em educação física, não me recordo de aprendizado no ensino médio (Acadêmico 85).

O professor de Educação Física deixava à vontade. Cada um fazia o que queria: sentava, jogava bola ou até mesmo fazia atividade de outra matéria (Acadêmica 100).

De tal modo, os dados representam um aspecto geral sobre a atitude e o compromisso do professor na escola de nível médio, questão que Golin, Ferreira e Lancillotti (2019) advertem como sendo preciso sair das amarras do passado e ter uma postura diferente frente ao presente. Os mesmos autores indicam que o docente precisa considerar no seu trabalho um olhar contextualizado na realidade e na perspectiva dos adolescentes, sobretudo ao considerar que a maioria já nasceu no século XXI e anseiam por demandas provocadoras. Por isso, sugerimos

que o docente desenvolva aulas que sejam atrativas, inovadoras, encantadoras e que contextualize o mundo dos jovens, contribuindo para uma formação integral dos estudantes.

A última US do indicador IMPROFÍCUO, nominada de “Aulas Inexistentes” registrou um menor número nas descrições da segunda pergunta, embora não menos importante. A referida US demonstra que, para alguns alunos, a aula de Educação Física era praticamente “nula” ou apenas “complementar” no Ensino Médio. Nos relatos dos respondentes podemos observar algumas citações como:

[...] pois não havia aula de educação física, era mais uma matéria “complementar”, ou seja, as notas eram dadas por atividades que tinha que fazer fora da escola [...] aí o professor dava uma nota e a gente tinha que entregar para o diretor (Acadêmico 64).

Passa tempo ou momento livre, sem fundamento algum (Acadêmico 67).

Sobre esta questão das “Aulas Inexistentes”, constatamos que as respostas dos alunos provenientes da escola pública descreviam como uma aula sem sentido, enquanto que os alunos oriundos da escola privada relatam como uma disciplina optativa. Este problema, em parte, já foi retratado por trabalhos como o de Darido e Souza Júnior (2007) e/ou Golin e Moreira (2018), sendo que ambos indicam que essas brechas pedagógicas ou legais na área acabam ainda tratando a disciplina como uma mera atividade apêndice na escola. Segundo os autores, as práticas da área ficam alicerçadas em “velhos dilemas”, ao invés de tratá-las como um componente curricular pertinente e significativo que promove princípios como: diversidade, cooperação, inclusão, participação, ética, por exemplos.

Sendo assim, os achados indicam que precisamos repensar as práticas da área no Ensino Médio, inclusive o trabalho de Mattos e Neira (2000) alerta sobre a responsabilidade da instituição escolar e de seus docentes para a promoção de conhecimentos diversos e com objetivos claros. Para os autores, há necessidade de diminuir aulas improvisadas e sem sentido, bem como a área precisa promover ações e práticas corporais duradouras e direcionadas aos interesses dos alunos.

Vale ressaltar também, considerando algumas frases nas três US classificadas como IMPROFÍCUAS, tais como: “eu não fazia nada, só ficava sentada”, “assistia os guris” ou “era só futebol para meninos e voleibol para meninas”, que ficaram muito evidentes, nas falas das acadêmicas, uma baixa motivação e acessos limitados aos diferentes conteúdos da área. Portanto, elas descrevem um desenvolvimento de aula ineficaz, pouco atraente, conteúdo unilateral e monopolizado por sexo.

Considerações finais

Ao longo de mais de duas décadas temos voltado nossa atenção, debatido e produzido importantes materiais sobre a Educação Física no Ensino Médio, sendo que a maioria dos trabalhos nessa fase escolar foram disseminados e alicerçados em dois preceitos básicos: a) denunciar as lacunas pedagógicas produzidas na área; e b) anunciar as potencialidades realizadas pela área. Lembramos que sempre procuramos que estes dois preceitos pudessem, ao final, modificar o *status quo* da área, isto é, o “chão da quadra”. Acreditamos que este trabalho mantém o mesmo caminhar científico, contudo utiliza e analisa a memória de um público específico (graduandos em Educação Física) sobre as vivências nas aulas de Educação Física no Ensino Médio na região de fronteira Brasil-Bolívia de MS.

Os principais achados apontam que existe na região do estudo existe um longo caminho para que a disciplina Educação Física no Ensino Médio supere problemas como: aulas desinteressantes e falta de planejamento, sobretudo visando torná-la mais profícua. Inclusive, apesar das dificuldades e limitações da pesquisa, já apontadas na metodologia, os resultados demonstram um caminho árduo no sentido de superar antigas barreiras da disciplina Educação Física no Ensino Médio, de modo especial tornar as aulas mais atraentes, com conteúdo significativo, incluindo docentes engajados e comprometidos com a qualidade das aulas, algo que pode impactar positivamente na realidade escolar da região do estudo. Por isso, sugerimos que, com base nos achados, no fazer pedagógico da Educação Física, enquanto um componente curricular do Ensino Médio, que tem na sua maioria jovens (adolescentes), a disciplina oportunize conceitos e ações significativas sobre a cidadania e o estilo de vida saudável, procurando modificar efetivamente o “chão da quadra”, contribuindo com a realidade futura dos alunos, notadamente para a sua vida adulta.

Por fim, esperamos que, no fazer docente da Educação Física no Ensino Médio, os elementos conceitual e procedural levem em consideração o contexto sociocultural dos alunos, a possibilidade de um planejamento mais participativo e colaborativo, bem como a promoção de atividades e temas diversificados, por meio de projetos internos na escola, visando motivar e engajar os alunos nas aulas, de uma forma mais profícua.

Referências

- BENTO, Jorge. Do homo sportivus: relações entre natureza e cultura. In: LIBERATO, Antonio; SOARES, Artemis (Orgs.). **Políticas públicas de esporte e lazer: traços históricos**. Manaus: UFAM, 2010.
- COLL, César *et al.* **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, Suraia Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola.** Campinas: Papirus, 2007.

DORES, Fabíola Gaspar das. A memória como método de pesquisa. **Cadernos de Campo (UNESP): Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, v. 1, p. 113-131, 1997.

GOLIN, Carlo Henrique; SILVA JUNIOR, Vagner Pereira da; PACHECO NETO, Manuel (orgs.). **Educação física e suas pluralidades**. Várzea Paulista: Fontoura, 2018.

GOLIN, Carlo Henrique; MOREIRA, Wagner Wey. Educação física no ensino médio: experiências recentes e a (re)significação do conteúdo esporte para o trato de valores. In: SILVA, João Batista Lopes da; BELTRAME, André Luís Normanton (orgs.). **Educação física, esportes e lazer em perspectiva sociocultural e inclusiva**. Brasília, DF: Art Letras Gráfica e Editora, 2018. v. 2. p. 63-79.

GOLIN, Carlo Henrique; FERREIRA, Valdinei; LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. O ensino médio e a disciplina educação física: revisitando as “águas turbulentas” do passado, entendendo as “ondas presentes” e perspectivando as “marés” do futuro. In: PACHECO NETO, Manuel (Org.). **Educação, atividade física e lazer: vivências na contemporaneidade**. Dourados, MS: Seriema, 2019. v. 1, p. 135-158.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Motivação para aulas de educação física e prática de esporte em jovens. In: GOLIN, Carlo Henrique; SILVA JUNIOR, Vagner Pereira da; PACHECO NETO, Manuel (Orgs.). **Educação física e suas pluralidades**. Várzea Paulista: Fontoura, 2018. p. 25-62.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 2000.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas: Papirus, 1983.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; MARTINS, Ida Carneiro. **Aulas de educação física no ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline Tereza Rozante. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes curriculares: reflexões sobre a reestruturação curricular. In: SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar (Orgs.). **Formação profissional em educação física**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 59-75.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. A formação profissional em educação física: legislação, limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar (Orgs.). **Formação profissional em educação física**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 17-32.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RIBEIRO, Edineia Aparecida Gomes; BARUKI, Sílvia Beatriz Serra; PAZZIANOTTO-FORTI, Eli Maria. Comportamento de risco à saúde e suas consequências em adolescentes: a intervenção do professor de educação física. In: GOLIN, Carlo Henrique; SILVA JUNIOR, Vagner Pereira da; PACHECO NETO, Manuel (Orgs.). **Educação física e suas pluralidades**. Várzea Paulista: Fontoura, 2018. p. 123-139.

SOUZA NETO, Samuel de; HUNGER, Dagmar (Orgs.). **Formação profissional em educação física**. Rio Claro: Biblioética, 2006.